



O Barba Azul

Era uma vez um homem que possuía lindas casas na Cidade e no Campo, baixela de ouro e de prata, mobílias sumptuosas e carruagens douradas; mas, por infelicidade, este homem tinha uma barba azul: isto tornava-o tão feio e tão repugnante que não havia mulher ou menina que não fugisse dele.

Uma das suas Vizinhas, Senhora de categoria, tinha duas filhas extremamente belas. Ele pediu-lhe uma em casamento e deixou que fosse ela a escolher qual das duas lhe queria dar.

Nem uma nem outra queriam casar com ele e cada qual indicava a outra irmã, pois nenhuma se resolvia a casar com um homem que tinha uma barba azul. O que mais as intrigava era o facto de ele já por várias vezes ter sido casado e ninguém saber o que fora feito das suas esposas.

O Barba Azul, para que se estreitassem mais as suas relações, convidou-as, assim como a sua mãe e três ou quatro dos seus melhores amigos, juntamente com alguns jovens vizinhos, a irem passar 8 dias numa das suas casas de campo. Eram passeios, partidas de caça e de pesca, bailes e banquetes, ceias: ninguém pensava em dormir e durante a noite faziam partidas uns aos outros; enfim, corria tudo tão bem que A Mais Nova das irmãs começou a achar que o dono da casa não tinha afinal a barba assim tão azul e que até parecia ser um homem muitíssimo simpático.

Quando regressaram à Cidade, realizou-se o Casamento. Passado um mês, o Barba Azul disse à esposa que precisava de fazer uma viagem pela Província, de pelo menos seis semanas, pois tinha um assunto de grande importância a tratar; que lhe pedia que se divertisse enquanto estivesse ausente e que convidasse as suas boas amigas, que as levasse para o Campo se quisesse, que se sentisse feliz, fosse onde fosse.

— Eis aqui — disse ele — as chaves das duas grandes salas onde estão guardados os móveis, aqui estão as da baixela de ouro e prata que não

serve todos os dias, aqui as dos meus cofres-fortes onde está encerrado o meu ouro e o meu dinheiro, aqui as das caixinhas onde estão as pedras preciosas, e aqui a que serve para abrir todas as portas de todos os quartos.

Esta chave pequenina é a chave do quarto que fica ao fundo do corredor do andar de baixo: podes abrir tudo, ir para todos os lados, mas estás proibida de entrar neste pequeno gabinete, e de tal maneira estás proibida que, se por acaso lá entrases, só poderás esperar o pior da minha cólera.

Ela prometeu cumprir fielmente tudo o que ele acabava de lhe recomendar; e ele, depois de a ter abraçado, subiu para a carruagem e partiu para a sua viagem.

As vizinhas e as boas amigas não esperaram que lhes fosse enviado convite para aparecerem em casa da jovem Casada, tal era a curiosidade de ver todas as preciosidades daquela casa, não tendo ousado ainda ali entrar enquanto o Marido lá estava, por causa da sua Barba Azul que lhes metia medo.

E ei-las agora a percorrer os quartos, os gabinetes, as antecâmaras, e cada qual lhes parecia

mais belo e mais rico do que o anterior. Depois subiram até às grandes salas onde estavam os móveis e aí não se cansaram de admirar a enorme quantidade e a beleza dos tapetes, das camas, dos sofás, dos móveis-gabinete, das colunas, das mesas e dos espelhos nos quais podiam ver-se refletidas em corpo inteiro, e cujas bordas, umas de vidro, outras de prata e de metal dourado, eram as mais belas e as mais valiosas que jamais tinham visto. Não cessavam de exaltar e de invejar a felicidade da sua amiga, que, entretanto, não estava a divertir-se a ver aquelas preciosidades por causa da impaciência que sentia de ir abrir a porta do gabinete do andar de baixo. Era tão grande a sua curiosidade que, sem fazer caso de passar por mal-educada, desapareceu de junto das suas amigas, desceu por uma escadinha secreta, e com tal precipitação o fez que por duas ou três vezes recebeu dar uma queda mortal.

Tendo chegado à porta do gabinete, hesitou algum tempo, pensando na proibição que seu Marido lhe havia feito e receando que lhe desse acontecer alguma desgraça, se fosse desobediente; mas a tentação foi tão forte que não

conseguiu vencê-la: pegou na pequena chave e, tremendo, abriu a porta.

Ao princípio não viu nada porque as janelas estavam fechadas; passaram alguns instantes começou a ver que o chão estava todo salpicado de sangue coagulado e que neste sangue havia o reflexo dos corpos de várias mulheres mortas e penduradas ao longo das paredes (eram as mulheres que o Barba Azul tinha desposado e que havia degolado uma após outra).

Então julgou morrer de pavor e a chave do gabinete, que acabava de retirar da fechadura, caiu-lhe das mãos. Depois de se ter dominado um pouco, apanhou a chave, fechou a porta e subiu para o seu quarto, a fim de se recompor; mas não o conseguia, de tal maneira estava impressionada.

Tendo reparado que a chave do gabinete estava suja de sangue, limpou-a duas ou três vezes, mas o sangue não desaparecia; teve de ir lavá-la e até mesmo esfregá-la com sabão e argila, e mesmo assim a chave não deixava de estar suja de sangue, pois aquela chave era mágica e não havia maneira nenhuma de a limpar completamente: quando o sangue desaparecia num lado, aparecia noutro.

O Barba Azul regressou da sua viagem nessa mesma tarde, dizendo que tinha recebido umas Cartas no caminho, pelas quais tivera conhecimento de que o assunto que o havia levado a partir tinha sido resolvido a seu favor.

A esposa fez todos os possíveis para lhe demonstrar como estava contente pelo seu tão rápido regresso a casa. No dia seguinte ele pediu-lhe as chaves e ela entregou-lhas, mas com uma mão tão trémula que o marido percebeu sem dificuldade o que se havia passado.

— Porque é que a chave do meu gabinete não está junto das outras?

— Parece-me que a deixei lá em cima sobre a minha mesa.

— Não te esqueças — retorquiu o Barba Azul — de ma entregar o mais depressa possível.

Depois de se ter esquivado por diversas vezes à entrega da chave, teve mesmo de lha entregar.

O Barba Azul, tendo-a examinado, perguntou à mulher:

— Porque é que a chave está manchada de sangue?

— Não sei — respondeu a pobre mulher, mais pálida que a própria morte.

— Tu não sabes — retorquiu o Barba Azul —, mas eu sei: quisesse entrar no gabinete! Pois bem, Senhora, nele entrarás e irás ocupar o teu lugar junto das Senhoras que ali viste.

Ela lançou-se aos pés do Marido, chorando e pedindo-lhe perdão, dando todos os sinais de um verdadeiro arrependimento por não lhe ter obedecido.

Teria comovido um rochedo, bela e aflita como estava; mas o Barba Azul tinha o coração mais duro que um rochedo.

— Tens de morrer, Senhora — disse-lhe. — E imediatamente!

— Então, se tenho de morrer — respondeu, olhando-o com os olhos cheios de lágrimas —, dai-me um pouco de tempo para rezar a Deus.

— Dou-te metade de um quarto de hora — respondeu o Barba Azul —, mas nem mais um momento.

Quando se viu só, começou a chamar a sua irmã e disse-lhe:

— Minha irmã Ana (era este o seu nome), peço-te, sobe ao alto da torre para ver se os meus irmãos já lá vêm; prometeram vir visitar-me hoje e, se os vires, faz-lhes sinal para se apressarem.

Ana, a sua irmã, subiu ao alto da torre, e a pobre aflita gritava-lhe de vez em quando:

– Ana, minha irmã Ana, não vês chegar ninguém?

E a irmã Ana respondia-lhe:

– Não vejo senão poeiras dançando nos raios de sol e a erva a verdejar.

Entretanto, o Barba Azul, com um enorme cutelo nas mãos, gritou com todas as suas forças para a mulher:

– Desce já, ou então subo eu.

– Só mais um momento, por favor – respondeu-lhe a mulher. E, no mesmo instante, gritou em voz baixa: – Ana, minha irmã Ana, não vês chegar ninguém?

– Vejo – respondeu a irmã Ana – uma nuvem de poeira que vem deste lado.

– São os meus irmãos?

– Oh, não, minha irmã. É um Rebanho de Carneiros.

– Não queres descer? – gritou o Barba Azul.

– Só mais um momento – respondeu-lhe a mulher; e logo gritou: – Ana, minha irmã Ana, não vês chegar ninguém?

– Vejo – disse ela – dois Cavaleiros que vêm deste lado, mas ainda estão muito longe...

– Deus seja louvado! – exclamou um momento depois. – São os meus irmãos. Estou a fazer-lhes todos os sinais que posso, para que se apressem.

O Barba Azul gritava tão alto que toda a casa estremecia. A pobre mulher desceu e lançou-se-lhe aos pés, banhada em lágrimas e toda desganhada.

– Isso não te vale de nada – disse o Barba Azul. – Tens de morrer.

Depois, agarrando-a pelos cabelos com uma das mãos e levantando no ar a outra mão com o cutelo, ia cortar-lhe a cabeça. A pobre mulher, voltando-se para ele e olhando-o com os seus olhos quase moribundos, suplicou-lhe que lhe concedesse só mais um pequeno momento para rezar.

– Não, não! Encomenda a alma a Deus. E, levantando o braço...

Neste momento bateram com tanta força à porta que o Barba Azul ficou paralisado subitamente: a porta abriu-se e num rompante entraram dois Cavaleiros que, puxando pela espada,

se lançaram sobre o Barba Azul. Ele reconheceu os irmãos da sua esposa, um o Dragão e o outro o Mosqueteiro, e fugiu o mais depressa que lhe foi possível, a fim de se pôr a salvo; mas os dois irmãos tomaram sobre ele tal avanço que conseguiram apanhá-lo ainda antes que conseguisse transpor o patamar das escadas. Trespassaram-lhe o corpo com as espadas e mataram-no.

A pobre mulher estava quase tão morta como o Marido e nem sequer tinha forças para se levantar para ir abraçar os irmãos.

Descobriu-se que o Barba Azul não tinha herdeiros, e deste modo ela ficou sendo a dona de todos os seus bens. Aplicou uma parte da sua fortuna em casar a sua irmã Ana com um jovem Fidalgo por quem já há muito tempo estava apaixonada; outra parte aplicou-a em conseguir os Postos de Capitão para os seus dois irmãos; e o resto ficou para ela própria, a fim de poder casar com um homem verdadeiramente bom, que a fez esquecer o terrível tempo que vivera junto do Barba Azul.

MORALIDADE

A curiosidade, apesar de todos os seus atractivos, é muitas vezes origem de aflições.

Todos os dias há, desta verdade, mil exemplos. É, tanto para o homem como para a mulher, um prazer bem fugaz: mal se alcança, logo termina, e sai sempre muito caro.

OUTRA MORALIDADE

Por mais medo que sinta o espírito prudente e por mais conhecimentos que se tenha do [mundo,

vê-se perfeitamente que esta narração é um conto do tempo passado; já não existem maridos assim tão maus, e nenhum tenta pedir o impossível, seja embora infeliz ou ciumento. Junto da sua esposa, mostra-se dócil; e seja qual for a cor da sua barba é difícil dizer qual dos dois manda mais.